



DEUTSCH  
PORTUGIESISCHER  
JOURNALISMUS-PREIS  
PRÉMIO DE JORNALISMO  
LUSO-ALEMÃO

**2.º lugar**

**Elena Witzeck**

**"In die Wunde fassen, bis es blutet"**

**"Pôr o dedo na ferida até sangrar"**

**Frankfurter Allgemeine Zeitung, 20 setembro 2020**

**Tradução: Paulo Rêgo**

## Pôr o dedo na ferida até sangrar

**Elena Witzeck,**

**Correspondente de Frankfurter Allgemeine Zeitung**

*Não mais à margem da literatura europeia. Como uma jovem geração de escritores portugueses enfrenta o passado.*

À mesa, a poetisa cerra os punhos. No Grémio Literário – um clube de literatura em Lisboa, onde desde há cinquenta anos um empregado de mesa que enverga um fraque serve pratos de bacalhau – Hélia Correia, curvada mas conservando um ar travesso, não obstante os seus setenta e um anos de idade, enfurece-se com a ideia de que a literatura é uma profissão. Não é suposto que assim seja. Deverá ser uma paixão. A respeito do seu pai, que esteve preso durante a ditadura, ela não fala durante a refeição. Conversa antes sobre os seus poemas para as páginas literárias dos jornais e sobre as suas revoltas invisíveis. «Imaginem só!», exclama ela. «Naquela altura, até um par de versos acerca das dimensões de uma cadeira poderiam ganhar um concurso!» Por não conterem o menor vestígio de assuntos políticos. Nessa altura, as raparigas também não deveriam ser vistas a ler. Não era adequado.

Ela escreve poemas fugidios, que pairam, e de vez em quando um romance. O mais recente, *Um Bailarino na Batalha*, é sobre refugiados, mas não é um romance dos tempos atuais, diz ela. A altura em que se passa é outra, podia ser uma qualquer. A propósito da grande escritora brasileira Clarice Lispector, mestre da introspeção, diz: «É cá das minhas». Gesticulando com as mãos, Hélia Correia percorre a história da literatura portuguesa e, claro está, tem também uma opinião a respeito da situação atual: «Estamos a tornar-nos mais abertos, mais livres, mais experimentais. E isso é bom.» Ela manteve a sua malícia; os seus amigos são as crianças, os gatos e as jovens poetisas. De seguida pousa as suas mãos esguias, cobertas de veias finas, sobre a mesa. «Toda a escrita é política.» A seguir vem o pudim.

Lisboa no Outono. A luz leitosa abate-se sobre as ruas empedradas, entretanto poupadas à passagem de milhares de solas dos ténis de turistas. Está vazia a cadeira ao lado da estátua de bronze de Fernando Pessoa, no café A Brasileira – um dos lugares favoritos do poeta, mas também de muitos visitantes da cidade que de resto aí costumam formar fila. Depois das oito da noite, os bares já não podem servir álcool, só os restaurantes com as refeições. Na capital do fado reina a calma. Se antes os ténis e os tróleys de viagem eram uma presença incómoda, agora estão ausentes de todo.

Na Casa Fernando Pessoa – que acabou de reabrir após obras de renovação e fica situada em Campo de Ourique, uma zona elegante com vista sobre as outras colinas da cidade –, as paredes recém-pintadas e os ecrãs digitais emitem o seu brilho: neles podem ver-se os retratos dos muitos alter egos do escritor nacional, juntamente com placas em braile. A sua biblioteca passa despercebida, fica junto do seu quarto de solteiro, naquela que foi a sua décima oitava morada em Lisboa. Aqui tudo está a postos para a divulgação da literatura portuguesa, para os visitantes que nada saibam sobre os grandes escritores deste pequeno país. Só que não vem ninguém. Os herdeiros de Pessoa, porém, estão na cidade.

Ao parque acima da Praça do Marquês de Pombal, pode vir qualquer pessoa, desde que use uma máscara. Os pavilhões de madeira estão ali tão juntos como barracas numa feira; no seu interior vê-se as filas de lombadas de livros, cuidadosamente alinhadas, diante deles reúnem-se jovens portugueses, em observância das regras impostas pela pandemia. Quanto maiores as vendas, maior é também o stand, mas a maioria das editoras em Portugal são pequenas. Apenas em empresas maiores, como é o caso do grupo editorial Leya, há espaço para uma mesa; diante de uma delas encontra-se sentado um dos editores mais importantes do país, Zeferino Coelho, a ler uma antologia. Atrás dele, pode ler-se num cartaz: «5 euros» e também «desconto». Na happy hour, durante a tarde, os livros tornam-se ainda mais baratos. Uma festa para os leitores portugueses.

De acordo com a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), num ano normal cerca de meio milhão de pessoas passa, a ritmo de passeio, pela Feira do Livro de Lisboa, o que faz dela uma das maiores da Europa. Este ano celebra-se o seu nonagésimo aniversário. Ao contrário de Madrid, não são os livreiros que aqui expõem os seus produtos, mas os próprios editores. Em 2019, foram mais de mil os autores que vieram até esta cidade. A Feira do Livro é o primeiro grande evento público na capital desde o confinamento, depois de em junho o país ter tido problemas a controlar os números das infeções e, desde há dois dias, ter voltado a ser incluído na lista de territórios de risco. Durante duas semanas, porém, num ano de todas as imprevisibilidades, todos ficaram gratos por aquele resquício de normalidade. De acesso gratuito, mas sujeita a imposições bastante exigentes e realizada ao ar livre: é assim que no ano de 2020 se organiza uma feira do livro.

O único que se queixa é José Pinho, o mais importante livreiro da cidade, proprietário da Ler Devagar – por assim dizer um sociótopo literário aos pés da ponte suspensa sobre o rio Tejo –, bem como de uma livraria francesa e uma outra muito antiga, no centro da cidade. De um modo audível até mesmo para os poucos visitantes vindos de longe, resmungo que as suas vendas caíram de novo para

metade por causa da feira.

Desde que voltou a ser possível comprar livros nas livrarias de Lisboa, os livreiros contabilizam quebras de cerca de trinta por cento em comparação com o ano passado. Há quem diga que os portugueses perderam o interesse pela literatura. Os livros são demasiado caros, dizem outros. A tradição do livro de bolso é curta, vinte euros por um livro de capa dura é coisa que um empregado de mesa que em resultado da Covid-19 tenha perdido o seu sustento e sobreviva com 400 euros por mês não pode pagar. A verdade é que – com um salário médio que mal chega a 1000 euros – isso já era um facto mesmo antes da pandemia, aquando dos anos da austeridade imposta pela política europeia nos primeiros anos da década de 2010. Nesses anos, também os críticos literários dos principais jornais sofreram danos na sua reputação. O livreiro José Pinho, por outro lado, acredita que tudo isso são mitos, que os autores estão simplesmente a escrever mais do que há dez anos, que a oferta das editoras cresceu, que a procura se manteve a mesma. Persistem os rumores de que há mais escritores do que leitores no país. Pinho juntou forças com outros livreiros independentes, exigindo um cumprimento mais consistente do preço fixo dos livros. Os editores não devem ser autorizados a vender os seus romances ao desbarato em feiras comerciais.

Cerca de dois terços dos livros que José Pinho vende nas suas livrarias são em português, incluindo muitas traduções. Os tradutores são importantes para um país como Portugal. Muitos deles também escrevem, como é o caso de Margarida Vale de Gato, que no decurso do seu trabalho se convenceu de que os seus próprios poemas têm valor. Há dez anos também não existiam tantas mulheres na poesia.

O editor Zeferino Coelho conhece bem o jogo do mercado. A sua editora Caminho, uma casa tradicional que durante várias décadas publicou os romances de José Saramago, esteve envolvida na fundação do Grupo Leya. Em 1979, quando leu o manuscrito de *Levantado do Chão*, o primeiro romance de Saramago, Coelho ficou espantado: o estilo era diferente de tudo o que lera antes. «Saramago foi até onde a dor se fazia sentir, junto dos camponeses famintos do Alentejo. E, marxista no mais fundo do seu coração, encontrou uma voz para o povo.» Nessa altura, Coelho mandou imprimir 4000 exemplares, assumindo um risco que poderia ter custado à recém-criada editora a sua existência.

Até hoje, Saramago continua a ser o único escritor português a ter recebido o Prémio Nobel. Muitos jovens autores estão convencidos de que o seu sucesso conseguiu impulsionar a autoconfiança do país. Quando este grande escritor do povo falava, o mundo parecia escutar. Mas a sua pegada na história literária – bem como aquela

que foi deixada pelo desassossegado Pessoa – tem proporções de tal modo gigantescas que até hoje os jovens autores ainda se veem confrontados com esse legado.

Mais tarde, Zeferino Coelho publicou os grandes escritores das antigas colónias, Mia Couto e Germano Almeida. Lembra-se do aspeto provisório que apresentavam os manuscritos que chegaram até ele, mal impressos e em papel amarelado; também a língua portuguesa foi por estes autores desconjuntada e reinterpretada, eles criaram algo novo que também agradou aos leitores portugueses, pois as histórias eram dramáticas e, tal como as suas próprias, falavam de amor, de inveja e de dor.

Zeferino Coelho envelheceu. Fala com um tom de voz brando, de preferência sobre as histórias dos seus autores, especialmente os da nova geração, que não tiveram já qualquer experiência colonial e, por isso, escrevem sem rodeios nem piedade: «Através do seu trabalho, nós portugueses já não somos pequenos e lastimáveis, já não nos situamos à margem da literatura europeia; em vez disso, procuramos metáforas para esta cultura que também é nossa.» Num cartaz no stand da Leya destaca-se o rosto sorridente de Ondjaki, um jovem escritor angolano. É o quarto autor mais vendido desse grupo editorial e faz lembrar Chekhov a Zeferino Coelho: «De início nada acontece, até que de repente sobrevem a tragédia.» Para os autores africanos, a ligação a Portugal vale a pena; eles precisam dos leitores, bem como da atenção. Há apenas um problema, diz o editor: «A expectativa de que os africanos estejam sempre a escrever sobre África.»

Para a estreia literária de Isabela Figueiredo, que cresceu em Moçambique e veio para Portugal quando tinha catorze anos, apenas um tema era possível: ela tinha de escrever a história do seu pai, um engenheiro branco que, na época colonial e num ambiente profundamente racista, tirou partido da sua posição privilegiada, até ao fim da infância da filha. O seu último romance, publicado em português em 2009 e em alemão no início deste ano sob o título *Roter Staub*, suscitou escândalo em Portugal devido ao carácter drástico da sua linguagem, impregnada pelo sexo e por toda a demonstração do poder masculino. «Temos de pôr o dedo na ferida até sangrar», diz Isabela Figueiredo hoje, esboçando um sorriso amigável, sentada num banco de jardim, à margem da feira.

Vive do outro lado do Tejo, em Almada, um bairro tradicionalmente operário. Acaba de participar num evento festivo, organizado pelo Partido Comunista, que incluiu oradores de Moçambique e de Angola. Incomoda-a que as consequências da época colonial ainda continuem a ser tratadas de um modo tão tímido. Isabela Figueiredo fala de uma «abordagem suavizada» à questão das antigas colónias. Em África ela

gera controvérsia devido a esta opinião, que também defende em conferências internacionais. Nada tem contra os vilões, diz ela. A alma humana oferece ambivalências suficientes para encher muitos mais livros. Acrescenta que um pouco mais de áspera franqueza faria bem à literatura portuguesa. Felizmente, o caminho que conduz para fora dos mundos poéticos abstratos de escritores como António Lobo Antunes está a ser trilhado por jovens autores.

Por enquanto, não se espera que Afonso Reis Cabral venha a gerar quaisquer escândalos. Os promotores e divulgadores do livro em Lisboa orgulham-se dele: é jovem, acabou de fazer trinta anos, tem charme e é educado, fala da sua evolução enquanto escritor como se estivesse a falar de experiências de há muito. O seu romance – sobre o caso real de uma mulher transgénero que foi abusada e morta por adolescentes na cidade do Porto – será publicado pela editora Hanser na primavera. Consiste numa perturbadora digressão pela mente de um rapaz cuja envolvência o leva a cometer um crime. Não se trata de autoficção, como está atualmente na moda em Portugal, diz Cabral, e como é levada às últimas consequências por um outro bem-sucedido outsider da atividade literária, José Luís Peixoto, no seu romance sobre Saramago intitulado *Autobiografia*; nada disso, trata-se de um narrador pouco fiável, num mundo que era estranho a Cabral – obviamente de acordo com o exemplo pessoano –, mas certo é que o jovem autor também leu Steinbeck.

No ano passado, Afonso Reis Cabral ganhou o Prémio Saramago, destinado a fomentar jovens autores, no valor de 35 000 euros. Desde então, o jovem autor tem conseguido ser escritor. Para o seu último projeto, percorreu mais de 700 quilómetros a pé, atravessando Portugal de norte a sul, para, como ele diz, refletir sobre a sua vida. Manteve um diário no Facebook, que depois foi publicado em forma de livro. A entidade de promoção do turismo ficou encantada: ao longo de vários anos, é com gratidão que Portugal tem acolhido um número sempre crescente de viajantes, pois estes ajudaram a economia a sair da crise. Agora, também a literatura poderá ajudar na luta contra a nova crise. No interior do país, onde as povoações sofrem com a desertificação humana, as ofertas literárias destinam-se a atrair o turismo de organização individual: José Luís Peixoto dedicou um romance a Galveias, a sua terra natal, onde está a ser planeada uma espécie de local de peregrinação literária. E na vila de Óbidos, a norte de Lisboa, a «Cidade da Literatura da Unesco», são vários os hotéis literários que vão abrindo.

Também esta é uma tendência da literatura recente: a análise das origens e da tradição portuguesa, com um recuo para a esfera doméstica, que no ano da pandemia parece tão deprimentemente atual. Afonso Cruz, escritor, músico e antigo

realizador de filmes de animação, é um homem robusto e calvo, que por estes dias se pode ouvir falar numa igreja em Óbidos que foi convertida em livraria. Fala num tom comedido, sem qualquer encenação, da sua vida de eremita no Alentejo. O recolhimento ajuda-o a desenvolver as suas ideias. Muitos destes autores não têm presença na Internet, evitam a exposição pública, confiam na capacidade de os seus textos falarem por si próprios. Para eles, a visão romântica da vida do escritor ainda pode ser combinada com o sentimento de identidade da saudade, da nostalgia melancólica que autoras como Isabela Figueiredo pretendem superar.

Contudo, por vezes as aparências também enganam. No final desse dia, na zona do altar da sacral livraria, Afonso Cruz concorda com a constatação das implicações políticas da literatura defendidas pela poetisa de ar travesso, chegando mesmo a formular a tese de que, em muitos aspetos do seu desenvolvimento, Portugal está simplesmente vinte anos atrás dos vizinhos europeus. «Grandes mudanças acontecem aqui em pequenos passos, mesmo na literatura.» Mas como bem se sabe, acrescenta Cruz, sorrindo com os seus olhos, é também com algum atraso que o fim do mundo chega a tais lugares.